

PROJETO QUERINO

O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

Episódio 05: Os piores padrões

Tiago Rogero: Antes de começar, um aviso: este episódio contém relatos de casos de assédio sexual e assédio moral, então fica esse alerta.

Eu sou o Tiago Rogero,
este é o podcast do projeto Querino,
produzido pela Rádio Novelo.

Episódio Cinco: Os piores padrões.

Tem uma novela que fez muito sucesso nos anos 1980:
"Sinhá Moça".

A trama era toda numa cidade fictícia do interior de São Paulo,
nos anos que antecederam a abolição.

E o protagonismo, claro, como uma boa novela brasileira,
era branco.

Tinha uma figura lá que era o Irmão do Quilombo.
O nome do personagem era esse.

Era tipo um Zorro, um Batman,
um sujeito mascarado que entrava na senzala da fazenda e libertava os escravizados.

Daí num ponto lá eles finalmente revelam a identidade dele,

e era um homem

branco.

Mas nem é isso que me chama a atenção nessa novela.

É a cena final.

<<<<< *som de TV ligando* >>>>>

<<<<< *pessoas cantando em italiano* >>>>>

A Lei Áurea já tinha sido assinada.

E daí tava tocando essa música enquanto mostrava um grupo enorme de pessoas andando em direção à fazenda.

Os homens tavam de terno e chapéu, alguns tavam de boina,

e as mulheres de camisa de linho, saia comprida, lenço no cabelo...

Todo mundo branco.

Voz 01: Meu Deus! Os italianos!

Tiago Rogero: A única personagem negra nessa cena é a Bá, interpretada pela grande Chica Xavier.

Ela era uma escravizada da fazenda; mas ela trabalhava na casa, doméstica.

Na época da escravidão se dizia também mucama.

E a Bá tinha sido também ama de leite da protagonista, a Sinhá Moça.

A única coisa que a personagem diz na cena toda é isso aqui.

Ela tá segurando um bebê branco dos patrões,

na sacada,

olhando pros italianos que acabaram de chegar.

Chica Xavier: Que que eles estão falando, sinhá?

Voz 01: Eu não sei, Bá.

Chica Xavier: Que diacho de língua é essa?

Voz 01: É italiano, Bá. Italiano.

Chica Xavier: Hm... Eu não gostei deles.

Tiago Rogero: Daí ela sai andando pela sacada, olhando feio pros italianos, e entra na casa.

E a Sinhá Moça começa a falar com aquela multidão que tinha acabado de chegar.

Lucélia Santos: Diga a eles que são todos bem-vindos à fazenda Araruna. Que eles ficarão alojados da melhor maneira possível por enquanto, mas nós cuidaremos pra que todos possam construir as suas casas. Diga a eles que eles são livres pra andarem pela fazenda. As crianças, pra brincar... mas tomem cuidado com o rio. Diga também que depois que eles descansarem eu chamarei um a um pra conhecê-los melhor. Daremos um jeito de nos entender.

Tiago Rogero: Daí a Sinhá Moça fala mais um pouquinho, entra esta música de fundo e a câmera começa a mostrar um monte de pés,

caminhando.

Pés descalços.

A câmera depois se move pr'um contraluz, visto de baixo.

Dá pra ver só as silhuetas das pessoas.

Mas dá pra perceber que os homens, por exemplo, não têm chapéu,

nem terno,

e nem sequer camisa.

A câmera finalmente mostra o rosto das pessoas,

e são pessoas negras.

São os ex-escravizados da fazenda.

Os italianos chegaram,
os negros tão indo embora.

<<<< som de TV desligando >>>>

O que mais me incomoda nessa cena é essa ideia,

que tá cristalizada até hoje na mente das pessoas,

dessa transição
quase que automática
entre o trabalho escravo e o trabalho livre.

Como se tivesse sido de uma hora pra outra,
como se já não tivesse começado muito antes, porque havia muitas pessoas negras que
tinham conquistado a própria liberdade e já trabalhavam livres há muito tempo.

E como se o europeu tivesse sido trazido pra finalmente superar uma inaptidão do
trabalhador africano e afrodescendente.

Como se o negro fosse um incapaz,
um preguiçoso,

como se agora o país enfim pudesse avançar
não porque acabaram com a obscenidade que foi a escravidão,

mas porque o trabalho
seria finalmente executado por mãos mais capazes.

O grande trabalhador europeu.

Cê sabe por que que houve um incentivo à migração europeia, né?

Já que num dava mais pra explorar, a elite branca e as autoridades queriam dizimar a parcela negra. Branquear a população.

E, olha, aqui nada contra os italianos que vieram, muitos de origem humilde. E nem foram só italianos que vieram nessa época: espanhóis e portugueses também.

A gente sabe que muitos deles acabaram também explorados pela boa gente rica. Trabalhando muito e ganhando quase nada.

Mas a gente sabe também que, num país que foi construído graças a mais de 300 anos de escravidão,

o simples fato de serem brancos, europeus, de terem os olhos claros, já configurava um privilégio e um baita diferencial no mercado de trabalho, na hora de disputar um emprego com uma pessoa negra.

Mas o que realmente importa aqui pra mim

é que, diferentemente do que tá cristalizado na mente das pessoas,

o trabalho no Brasil não começou quando foi assinada a Lei Áurea.

Não começou quando a mão de obra negra foi substituída pela mão de obra europeia, que nem na novela.

Se teve um povo que sempre trabalhou no Brasil,

foi o negro.

Lucileide Mafra: Eu sou Lucileide Mafra. Eu nasci em Cururupu, interior do Maranhão. É uma cidade que fica mais ou menos a seis horas de São Luís, da capital do Maranhão. E meus pais eram camponeses.

Tiago Rogero: E é uma questão de acabar também, de uma vez por todas,

com essa ideia do escravizado ignorante,
desprovido de conhecimento;

um bicho que foi colocado ali só pra executar o que era mandado.

Os povos africanos que foram trazidos pro Brasil trouxeram consigo suas tecnologias.

E isso tá marcado já nas chegadas dos primeiros, lá no século XVI:

eram povos que vinham de sociedades que já desenvolviam a pecuária, por exemplo, ou então sistemas agrícolas complexos.

Nos engenhos, muitos africanos chegavam e já eram colocados como mestres-de-açúcar, que era a principal função na parte do beneficiamento do açúcar, de transformação do melaço em açúcar de fato, refinado.

Mestre-de-açúcar era um posto alto na hierarquia.

Ou então se a gente pensar no ciclo do ouro. No começo, os exploradores eram basicamente catadores, encontrando aqui e ali as pepitas.

Mas uma técnica trazida pelos africanos mudou esse jogo.

O nome era bateia, e servia pra tirar o ouro que vinha no curso da água.

Foi também por causa dos africanos que começaram a extrair ouro do cascalho, das encostas dos morros.

Porque era uma atividade que eles já desempenhavam nos seus países, no continente africano, e que acabaram trazendo pra cá.

Na África Central, onde hoje é o Zimbábue, o processo de fundição do minério de ferro já era conhecido desde antes de 1500.

Lucileide Mafra: Até os 12 anos, eu trabalhava na roça com os meus pais. A gente nunca teve Natal porque Natal pra gente a gente passava dentro daquele poção de mandioca tirando mandioca pra fazer farinha. Então a gente não tem tradição de Natal lá em casa, eu nunca armei uma árvore de Natal na minha vida. E aos 12 anos eu vim pro Pará, morar com meu irmão, ser babá do meu sobrinho.

Tiago Rogero: Tem um alemão, o Barão de Eschwege,

ele fundou a primeira siderúrgica do Brasil: a Patriótica, em Minas Gerais, em 1812.

E quem trabalhava, claro, eram os escravizados.

E o Barão se apropriou de um método trazido por esses africanos: o cadinho, que é um tipo de recipiente com formato de pote que é usado pra fundir metais.

O alemão fez lá uma pequena adaptação no cadinho e isso potencializou a capacidade de produção dos fornos.

Foi uma revolução tecnológica na época.

Hoje, tem um monte de livro e de faculdade de Engenharia que homenageiam o Barão,

que é chamado de pioneiro da siderurgia no Brasil.

Dos africanos que ensinaram isso a ele,

não se sabe nem o nome.

Lucileide Mafra: O meu irmão era sargento do Exército e ele passava muito tempo, de três meses pra mata. E eu morava, ficava com minha cunhada e a sogra, a mãe dela, a família dela morava com ela, na casa do meu irmão. E aí eu tinha que levar roupa pra 15 pessoas na casa.

Tiago Rogero: A historiadora Natália Garcia Pinto analisou 244 anúncios de compra, venda e aluguel de escravizados homens publicados ali por volta de 1850, no Rio Grande do Sul.

Ela listou 44 profissões diferentes:

cozinheiro, pintor, marinheiro, alfaiate, marceneiro, ferreiro,
charqueador, tanoeiro, que eu precisei jogar no Google pra saber o que é...

Quer dizer: num dá pra dizer que faltava qualificação, né?

E tinham também, claro, as funções que não exigiam tanta qualificação, ou especialização.

Até porque os escravizados precisavam fazer tudo.

Os senhores não podiam mover uma palha.

Lucileide Mafra: Eu tinha que limpar casa, eu não podia comer as comidas que eles comiam normalmente. Quando um dia que o ferro me deu um choque, e aí eu joguei o ferro no chão, quebrou, e ela me botou na rua.

Tiago Rogero: Tem vários relatos de viajantes estrangeiros que ficavam impressionados com a forma exagerada com que a mão de obra escrava era empregada no Brasil.

Por exemplo: mesmo não faltando animais de carga, os senhores preferiam que o transporte fosse feito por pessoas escravizadas puxando as carroças.

Eram muito comuns também umas cadeirinhas:

pro rico não precisar andar, não precisar pisar na rua,
ele era levado de um lado pro outro
carregado.

Tem o relato de um viajante específico que é perfeito pra ilustrar tudo isso.

Tá numa pesquisa do historiador Cláudio Honorato.

Ele conta lá que esse viajante, que era estadunidense, tinha passado uns dias no Rio.

Aí uma vez ele tava num escritório de advocacia.

Um dos sócios pegou um pacote pequeno e entregou pra um rapaz de 18 anos, filho de uma boa família, que tinha começado a trabalhar por lá.

E o sócio pediu pro rapaz levar aquele pacotinho pra uma outra firma que ficava lá nas redondezas.

Daí esse viajante, que tava vendo a cena toda, escreveu assim:

"O jovem olhou pro pacotinho, olhou pro comerciante,

segurou o pacote entre o polegar e o indicador,
tornou a olhar novamente pro comerciante e pro pacote,

meditou um momento,

saiu porta afora e,
depois de dar alguns passos,

chamou um negro que, atrás dele, levou o pacote pro destinatário".

E obviamente as pessoas negras não trabalhavam no Brasil só na condição de escravizados.

Foi como trabalhadores livres, também.

Afinal, e a gente já falou sobre isso, mesmo durante o período da escravidão havia um contingente enorme de pessoas negras que já tinham conquistado a própria liberdade.

E essas pessoas foram responsáveis pelas criações dos primeiros sindicatos de trabalhadores do país.

O sindicato que costuma ser citado como o primeiro do Brasil surgiu já na época da República, em 1903.

E era dos o dos estivadores do Porto do Rio, que eram majoritariamente homens negros.

Lucileide Mafra: Aí eu comecei também trabalhar em casa de família, cuidando de uma senhora, limpando quintal, enfim... e como babá, mesmo. E como eu tinha bastante facilidade aprendi a cozinhar muito rápido. Eu já, com 16 anos eu já era chefe de cozinha dum dos melhores restaurantes lá de Altamira.

Tiago Rogero: O que marcou a contribuição portuguesa, europeia e branca em todos esses séculos de formação do Brasil,

o que marcou essa contribuição
foi sobretudo

a preguiça.

Essa história de que o escravizado é preguiçoso surgiu graças ao projeto político que queria desqualificar a população negra e legitimar as políticas públicas de imigração.

E a preguiça das elites era tanta
que as mães brancas não podiam nem dar de mamar a seus próprios bebês.

E isso tá representado na figura da

ama de leite.

No começo, tinha até uma crença de que o leite das africanas era mais forte.

Depois, quando a classe médica ganha mais força no Brasil, começaram a espalhar que, na verdade, o leite das mulheres negras era perigoso pros bebês brancos.

Mas a prática tava tão enraizada que as madames continuaram colocando mulheres escravizadas pra amamentar seus bebês; que nem a personagem da Chica Xavier em Sinhá Moça.

Era um sinal de *status*, ter uma ama de leite.

E era uma fonte de renda também: porque a escravizada, quando ficava grávida, já começava a ser anunciada pelos patrões em jornais, colocada pra aluguel.

As amas de leite mais valorizadas eram as que tinham acabado de dar à luz.

E cê acha que a mãe negra podia levar junto o próprio filho, pra poder amamentar?

Nada disso.

Se a ama viesse desacompanhada do próprio bebê, tinha madame que pagava até o triplo.

Daí, pra poder lucrar ainda mais,

tinha muito senhor que desaparecia com os filhos dessas mulheres negras.

Desaparecia mesmo:

vendia, abandonava na rua, deixava na roda dos expostos, que era uma instituição da igreja que cuidava das crianças abandonadas...

Enfim, se a gente parar pra pensar,

não é muito diferente do que acontece hoje com a figura da babá, né?

Não essa parte de desaparecer com os filhos, claro.

Mas quantas babás não passam a vida inteira tomando conta do filho dos outros,

sem poder criar o seus?

Ou então sem poder pelo menos estar tão próxima da própria família quanto gostaria.

Lucileide Mafra: E aí foi quando eu vim pra Belém, né, continuar meus estudos e trabalhar. Até os 15 anos eu não sabia nem assinar o meu nome porque meu pai não deixava as mulheres estudar lá em casa. E aos 16 anos eu vim pra Belém e comecei, continuei meus estudos, e trabalhando sempre em casa de família.

Tiago Rogero: A profissão de babá ainda guarda muitos elementos desse período da escravidão.

Mas num é a única.

Em boa parte dos casos, a babá também precisa ser cozinheira, passadeira, faxineira... Precisa ser até gestora do lar, e da vida das pessoas que moram ali.

Ela é uma trabalhadora doméstica.

Uma profissão que nem de longe recebe a remuneração

nem o reconhecimento

por todo esse acúmulo de funções.

Danila Cal: A origem do trabalho doméstico aqui no Brasil tá na escravização. Porque durante o período escravocrata a gente tinha ali a separação de algumas meninas, de algumas mulheres, pra trabalharem nas casas dos senhores. E esse trabalho incluía, né, serviços domésticos, apoio às sinhás.

Tiago Rogero: Esta é a professora e pesquisadora Danila Cal.

Danila Cal: E essa prática, hoje, ela ainda guarda resquícios coloniais. Ainda existe essa cultura da servidão de que uns devem ser servidos enquanto os outros servem. Existe uma cultura também que desclassifica esse tipo de trabalho como um trabalho digno, que deve ser bem remunerado, que esse tipo de trabalho é como se ele nem fosse um trabalho.

Tiago Rogero: A sociedade brasileira tem muitos resquícios da escravidão.

Muitos.

Mas é difícil pensar numa relação profissional em que os patrões assumam tanto a postura de senhor e de sinhá

quanto no trabalho doméstico.

Danila Cal: Tem uma frase da Sueli Carneiro, que é uma pesquisadora muito importante pra nossa pesquisa, que ela diz o seguinte: que o trabalho doméstico é um elemento heurístico pra que a gente compreenda as relações sociais no Brasil. Então olhando o trabalho doméstico a gente pode entender muito de como são constituídas as hierarquias sociais e de valor na nossa sociedade.

Tiago Rogero: Não sei se existe algo mais brasileiro do que essa dependência que a classe média e as elites têm do trabalho doméstico.

Danila Cal: Tem uma outra autora que é muito importante pra gente, que é a Lélia Gonzalez. E ela fala das mulheres, né, como as mulheres negras tipicamente são vistas, são consideradas no Brasil. Então tem a ideia da mucama. E é isso continua, permeia ainda o imaginário. E além disso ainda tem duas relações aí, que é a mulher negra que deve prestar serviços pra família nessa lógica da cultura da servidão, do racismo e tudo mais. Mas tem ainda as violências relacionadas, por exemplo a violência sexual: de acharem que aquela mulher que está ali, ela tá ali não pra prestar um serviço de cuidar da casa ou os serviços domésticos, mas tá ali pra servir aquela família. Com toda a amplitude que esse termo pode gerar.

Lucileide Mafra: E quando eu vim pra Belém eu fui trabalhar em uma residência que eu dormia na cozinha numa rede e o patrão me assediava direto. Ele deixava a esposa sair e voltava pra casa e ficava me assediando e eu ficava...

Tiago Rogero: Aqui de novo a Lucileide Mafra, que a gente tá ouvindo ao longo do episódio.

Lucileide Mafra: Quando anoitecia eu já pensava, pra mim era um terror. E eu não podia falar nada porque ela ia acordar e aí eu, eu, eu... medo dela me mandar embora, eu não sabia o que fazer. Até que um dia eu falei pra vizinha e a vizinha me disse: 'Olha, conta pra esposa dele'. Quando ela chegou eu contei. E ela me botou na rua, tamanha 9 horas da noite, eu sem conhecer ninguém na cidade praticamente. E ela ainda prendeu minhas coisas, eu só peguei parte das minhas roupas que ela jogou no chão, na rua, né? e... que eu era uma sem-vergonha, que eu que tava dando confiança pro marido dela, e o marido dela não tinha feito isso. Eu tinha... tava com 16. E eu não tinha pra onde ir, tive que ficar em cima duma calçada aqui...

E muitas outras casas que eu tive que passar por isso. Não foi só uma vez. Teve casas que eu tinha que escorar o guarda-roupa à noite, eu tive que escorar máquina de costura na porta porque o patrão fazia isso com todas. E nós éramos cinco empregadas, mas em compensação era um salário-mínimo dividido pra todas, pras cinco. A gente não podia sentar no sofá deles. E eu tinha que sentar num banquinho porque eu não podia sentar em nenhuma outra cadeira que não fosse aquele banquinho de madeira pra não contaminar eles.

Então assim, eu não digo que o trabalho doméstico é um dos piores trabalhos. Mas eu te digo que tem os piores patrões, tem.

Tiago Rogero: E quando se fala que a profissão de trabalhadora doméstica é vista como algo menor,

algo que nem é considerado trabalho, ou que é considerado menos trabalho,

isso não é no sentido figurado, mas literal.

A CLT, Consolidação das Leis do Trabalho,
que regulamentou as relações trabalhistas no Brasil,
é de 1943.

O trabalho doméstico

ficou de fora.

E foi assim por mais 70 anos.

70 anos.

Só em 2013, com a aprovação da PEC das Domésticas,
que sofreu muitos ataques das patroas, dos patrões, da classe política e da mídia,

é que as trabalhadoras domésticas finalmente tiveram seus direitos equiparados aos das demais profissões.

Demorou 70 anos.

E só aconteceu por causa da luta dessas mulheres.

Elisabete Pinto: Até pra gente saber que a conquista das mulheres negras, empregadas domésticas, foi uma conquista que não foi nenhum homem branco ou uma mulher branca que deu. Foram as próprias trabalhadoras domésticas, foram as próprias mulheres negras.

Tiago Rogero: Esta é a Elisabete Pinto, professora e pesquisadora.
Ela é a biógrafa de uma mulher que simboliza toda essa luta.

A que começou tudo isso.

Se não fosse por essa mulher,

talvez até hoje as trabalhadoras domésticas ainda estivessem sem esses direitos.

Elisabete Pinto: Dona Laudelina de Campos Melo é uma heroína da nossa história. E ela conseguiu não só elaborar teoricamente, mas intervir politicamente. Foi uma mulher que esteve à frente do seu tempo, mas também no *front* de várias áreas, na área do trabalho, com a questão das empregadas domésticas... Era uma mulher que lutou pela sua dignidade, pela dignidade do povo negro. Dona Laudelina era uma mulher de coragem, que teve coragem de defender a sua dignidade pessoal, e a dignidade do seu povo.

Tiago Rogero: Primeiro eu já vou explicar por que a Laudelina de Campos Melo é revolucionária.

Pensa na profissão de trabalhadora doméstica hoje.

Aliás, eu tô falando sempre no feminino porque mais de 90% são mulheres.
E a maioria entre elas é formada por mulheres negras.

Bom, mas pensa nessa profissão hoje.

Agora pensa quase 100 anos atrás.

Imagina como devia ser a relação entre patrão e trabalhadora.

Elisabete Pinto: Dona Laudelina nasceu numa família de empregadas domésticas. Como a maioria dos nossos antepassados, das nossas antepassadas, nossas bisavós, tataravó. Raras são aquelas que tiveram outras oportunidades. Então, a mãe da Laudelina era empregada doméstica.

Tiago Rogero: Uma vez, a Laudelina viu a mãe dela sendo chicoteada pelos patrões. E isso em 1914, quase 30 anos depois da abolição.

Em 1936, a Laudelina criou o que é considerado o primeiro sindicato de trabalhadoras domésticas do Brasil:

a Associação de Empregadas Domésticas de Santos.

Elisabete Pinto: Ela era uma pessoa que ela tinha o máximo de consciência possível pra sua época. Então, ela não admitia a injustiça e a humilhação. O trabalho sim, tudo bem, ela sempre trabalhou e defendeu as domésticas... Em Santos, quando ela funda a primeira Associação das Empregadas Domésticas, aí ela já o faz pela necessidade dessas empregadas e, vendo a realidade da classe trabalhadora, ela começa a lutar pelas empregadas domésticas e pelos direitos, pra que essas mulheres pudessem ter os mesmos direitos dos trabalhadores.

Tiago Rogero: A história da Dona Laudelina é tão incrível que, olha isso:

quando teve a 2ª Guerra Mundial, ela se alistou e serviu ao Exército Brasileiro.

Ela ficava de prontidão no Brasil, num forte em Praia Grande, na Baixada Santista.

Daí nos anos 1950, a Laudelina se mudou pra Campinas.

Campinas, caso você não saiba, é uma cidade que tem um enorme histórico racista.

Tinha muita fazenda de café,
e tem registros de pessoas sendo mantidas escravizadas por ali até 1920.

E lá em Campinas a Dona Laudelina criou uma outra associação para as trabalhadoras domésticas.

Quando veio o golpe militar de 1964, a associação acabou fechada.

Elisabete Pinto: Era uma mulher que estava no meio dos homens, lutando, pressionando politicamente, ela também pensava na educação, na saúde.

Pensava em questões que mesmo as mulheres negras, agora, dos sindicatos, que estão começando a pensar agora. Por exemplo, na saúde das empregadas domésticas, e na saúde mental das empregadas domésticas. Ela trabalhou muito com uma questão que a gente acaba não discutindo, que era com a questão do assédio sexual com as empregadas domésticas.

Tiago Rogero: Ela também organizava bailes, porque nos clubes da cidade os negros não eram bem recebidos.

E nesses bailes tinham concursos de beleza negra, e também bailes de debutantes para as meninas negras, quando elas completavam 15 anos.

Elisabete Pinto: Porque as meninas negras das famílias de negro e classe média, como que a gente pode dizer, de uma elite negra campineira, não podiam também participar dos bailes pra debutantes dos brancos.

Tiago Rogero: E tem quem diga que o racismo no Brasil é mais brando do que nos EUA. Aqui nunca precisou de lei pra ter segregação. A separação entre negros e brancos foi sempre na prática.

Bom, com a redemocratização, a associação da Laudelina foi reaberta

e, com a Constituição de 1988, transformada em sindicato.

A Dona Laudelina morreu em 1991.

Antes de morrer, ela transferiu a casa dela para o sindicato das trabalhadoras domésticas.

E é onde o sindicato funciona até hoje.

Tiago Rogero: Ô gente, ó, tamo gravando. Primeiro eu pergunto pra vocês, pra gente tentar situar o ouvinte, onde que a gente tá agora?

Teresinha de Fátima da Silva: A gente tá em Campinas... Na casa da Laudelina, aonde ela morou durante muitos anos.

Tiago Rogero: Esta é a Teresinha de Fátima da Silva.

Tiago Rogero: Vocês chegaram a conhecer ela?

Teresinha de Fátima da Silva: Sim. Eu convivi com ela uns dez anos, eu acho.

Tiago Rogero: E como que ela era?

Teresinha de Fátima da Silva: Não pode falar tudo, né? Vou pegar só a parte boa (ri). Não, assim, como movimento a Laudelina era extraordinária, né? Acho que não existe, né, a nível de Brasil, eu não conheço nem na América Latina onde eu participei dos encontros das trabalhadoras, alguém com um poder de fala como o de Laudelina, né? Porque ela tinha uma oratória fantástica. E muito brava, então ela... (limpa a garganta) o pessoal tinha o maior respeito, né? Então onde ela chegava... E aí ela tinha moral de descascar às vezes a gente ou qualquer político onde ela tava.

Tiago Rogero: E é por isso que você falou que não dá pra falar tudo, é esse lado dela mais casca dura?

Teresinha de Fátima da Silva: É, esse lado casca dura é difícil... (ri)

Tiago Rogero: (ri) Você tinha quantos anos quando cê conheceu Dona Laudelina?

Teresinha de Fátima da Silva: Eu tinha 20. Ia fazer 20 ainda. Eu não tinha ensino nenhum porque meu pai era aqueles que mudava de fazenda pra fazenda, né, então a gente só às vezes quando matriculava na escola você ia um dia, dali a pouco já ia mudar pra outro lugar, você não ia mais. Eu juntando todos os dias que eu fui na escola acho que dava mais ou menos meio ano (ri). Eu me sentia muito mal. E aí quando vim pra associação, né, e pra mim foi um aprendizado, assim, maravilhoso porque dessas rodas de conversa e com as broncas de Laudelina é que eu pude crescer um pouco, que eu pude ir pra escola estudar porque eu era analfabeta de pai e mãe. E isso me fez ir pra escola, depois de velha, pra poder dialogar de igual pra igual com os demais, né?

Ela sempre falava que o estudo... a única coisa que ninguém pode tirar de você é o conhecimento. Eu, por exemplo, voltei a estudar por causa da organização sindical, né, assim, fiz, sou bacharel em Direito. E por isso que eu to ainda aí no apoio das companheiras, né?

Tiago Rogero: Eu já tinha lido a transcrição de uma entrevista que a Dona Laudelina deu, nos últimos dias de vida, pro Museu da Imagem e do Som de Campinas.

A Dona Laudelina nasceu em 1904. Na virada do século passado.

E eu sempre fico muito empolgado com a possibilidade de ouvir a voz de uma pessoa histórica.

Porque isso infelizmente é bem raro no Brasil. Se documento de papel já é difícil de achar, imagine gravações em áudio e vídeo.

Orestes Augusto Toledo: Meu nome é Orestes Augusto Toledo. Trabalho no Museu da Imagem e do Som de Campinas desde 1990. Trabalhava aqui com os funcionários, que eu já conhecia, né, de longa data, um deles era o Juvenal, que era projecionista. Ele conversou comigo e falou 'Ah, lá no bairro, um bairro da periferia, né', falou: 'Tem uma senhora negra, né, uma referência'. Eu achei interessante, vamo, vamo entrevistar.

E quando eu fui recebido por ela, até estavam presentes também algumas diretoras, né, do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas, acho que não passou 20, 15 minutos, eu percebi que eu estava, é, diante de uma pessoa fascinante.

Não só do ponto de vista do conteúdo, da sua vivência, da sua biografia, né; o que me impressionou e me impressiona até hoje é a força, a energia, a convicção. E aí é importante o audiovisual, porque não é só o som, você vê o brilho nos olhos dela.

Tiago Rogero: Infelizmente num dá pra mostrar aqui o brilho nos olhos da Dona Laudelina,

mas a voz

você pode ouvir.

<<<<< som de gravador dando REWIND e depois PLAY >>>>>

Laudelina de Campos Melo: Meu nome e nascimento: Laudelina de Campos Melo.
Data de nascimento: 12 de outubro de 1904.

<<<<< som de STOP, depois de FORWARD, depois de PLAY >>>>>

Laudelina de Campos Melo: As empregadas domésticas tinham sido destituídas das Leis Trabalhistas, né? Porque eles achavam, e até hoje eles acham, que a empregada doméstica não contribui pra nação e que a empregada doméstica não traz, dentro do bojo da nação, economia. Ela não traz economia pra própria nação, mas traz pro patrão dela, porque é ela quem dá cobertura para a riqueza do patrão. Porque ela que cria os filhos do patrão, ela que cuida da casa, que é ela que fica tomando conta dos filhos, toma conta do patrimônio do patrão, e sem direito a nada, né? Que a maioria daquelas antiga trabalhou 20, 30 anos, morreram na rua pedindo esmola. Várias delas a gente teve... cuidou delas, tratou delas e cuidou até a morte porque elas não tinham condição. Não tinha família, não tinha ninguém por ela. Ainda um, um resíduo de escravidão, né? Porque era tudo descendente de escravo, né?

<<<<< som de STOP, depois de FORWARD, depois de PLAY >>>>>

Laudelina de Campos Melo: Empregada doméstica no dia ela faz vários trabalhos, né? Ela vai tratar um serviço numa casa, ela faz o trabalho de lavadeira, de arrumadeira, de cozinheira, de passadeira e de tudo, né? E ainda não tem uma profissão, ela não tá considerada ainda como profissional. Mas ela é uma profissional. Então ela é profissional dentro da cozinha, ela é profissional lavando roupa, ela é profissional fazendo doce, ela é profissional arrumando uma casa, ela é profissional tomando conta dos filhos. Tomando conta dos filhos ela é uma babá. Tomando conta da casa, guardando patrimônio do patrão, ela é uma dona de casa.

<<<<< som de STOP, depois de FORWARD, depois de PLAY >>>>>

Laudelina de Campos Melo: Eles só consideram profissional aqueles que têm um diploma na mão, aqueles que trabalham numa indústria, aqueles que têm um

nome ligado à profissão. Mas a empregada doméstica não é considerada. Tá relegada à segunda categoria. Porque foi escrava de vocês. Não tinha profissão pra vocês, mas ela nasceu já dentro da profissão. Eu, por exemplo, com 7 anos eu já cozinhava, já tomava conta da, de uma cozinha.

<<<< som de STOP >>>>

Lucileide Mafra: Eu lembro muito bem que eu trabalhei numa casa aqui na Cidade Velha, e eu comprava aquelas velas de sete dias, sete noite porque eu não podia usar energia da casa pra estudar.

Tiago Rogero: De novo a Lucileide Mafra, cuja história a gente tá ouvindo desde o começo do episódio.

Lucileide Mafra: Eles diziam que eu sonhava alto igual urubu do Ver-o-peso e que tra... empregada doméstica é empregada doméstica não passava disso. E que eu jamais iria conseguir alguma coisa. A esposa dele era muito legal, mas ela tinha muito medo dele. Ele era aposentado, ele foi militar e ele servia na reserva. E ele ficava em casa o dia inteiro perturbando a minha vida. Ele mandava eu lavar as janelas duas, três vezes. A minha mão ficava em carne viva pra limpar aquela janela ali. E quando eu passei na faculdade, eu passei em duas faculdade, levei o jornal pra ele, disse 'Olha, eu passei'. E o filho dele não passou em nenhuma, fez vestibular ao mesmo tempo e não passou em nenhuma.

Eu dizia 'Sabe, o senhor conhece aquela frase que diz assim pros meus inimigos eu desejo vida longa para que possa assistir minha vitória de pé?'. E quando eu me formei, eu fiz questão que ele fosse meu paraninfo. E eu fiz questão de dizer pra toda turma: 'Sabe, gente, vocês lembram aquela história que eu contei pra vocês, que dizia, que aquele se... meu patrão dizia que empregada doméstica era empregada doméstica, que eu sonhava mais alto do que urubu do Ver-o-peso? Pois é, é aquele senhor que tá ali na minha frente, que é meu paraninfo'. E aí ele ficou com a cara no chão (ri), no chão, né, assim. Mas eu sei que foi uma forma grosseira, mas eu precisava falar aquilo, eu precisava, sabe? Porque eu engoli aquilo durante anos, a seco ali ele me falando. Ele dizia: 'Única forma de pobre subir na vida, é se colocar um sapato alto'. Eu disse 'Eu vou conseguir escrever a minha própria história, tá? Num vou pedir, quando eu quero alguma coisa eu vou lá e pego. Não fico esperando que ninguém pegue por mim'. Enfim, então assim eu

nunca deixei que as pessoas me anulassem, eu sempre lutei por aquilo que eu queria.

E aí desde então eu fui me especializando, investia muito meu salário em cursos de qualificação profissional, principalmente na área da gastronomia, que é uma área que eu gosto muito, né? E fui melhorando meu salário, sempre estudando, lógico. Primeiro eu me formei em Administração de Empresa, aí depois eu me formei em Turismo. E agora eu to fazendo Direito. Fazendo pós-graduação, docência no ensino superior.

Tiago Rogero: É muito incrível a história da Lucileide, né?

Passou por todos os perrengues clássicos de uma trabalhadora doméstica no Brasil,

e deu a volta por cima.

E como, né?,

sambando na cara do patrão.

É que nem o "Que horas ela volta", o filme, mas no caso da Lucileide não foi nem a filha dela que passou no vestibular, mas ela mesma.

Mas ainda tem mais coisa nessa história.

A Lucileide foi uma das pessoas diretamente responsáveis, ao lado de várias outras companheiras trabalhadoras domésticas,

por uma das leis trabalhistas mais importantes da História do Brasil.

<<<< som de TV ligando >>>>

Voz 02: Boa noite. O senado acaba de aprovar por unanimidade a proposta de emenda à constituição que garante mais direitos trabalhistas aos empregados domésticos.

<<<< som de TV desligando >>>>

Tiago Rogero: Em 1972, foi aprovada uma lei que trazia algumas proteções às trabalhadoras domésticas.

Lucileide Mafra: Trabalhadora doméstica tinha direito a carteira assinada, tinha direito às férias de 20 dias... Lógico, não tínhamos os mesmos direitos que os trabalhadores celetistas, mas tinha algum direito.

Tiago Rogero: Trabalhador celetista é o trabalhador protegido pela CLT, e esse ainda não era o caso das trabalhadoras domésticas.

Lucileide Mafra: Nós não tínhamos nem o direito de reclamar. Não recebia as férias, não recebíamos décimo terceiro.

Tiago Rogero: Depois veio a Constituição de 1988 que também trouxe alguns avanços, como a obrigação de pagamento do salário mínimo e a licença-maternidade.

Em 2006, foi estabelecido o direito a descanso semanal remunerado aos domingos e feriados.

E olha só pra você ver: só em 2006.

Antes tava liberado ser de segunda a segunda.

Mas ainda faltava muita coisa.

Por exemplo: a demissão podia ser sem justa causa e sem pagamento de multa; trabalhadora doméstica não tinha seguro-desemprego, não tinha jornada de trabalho estipulada, muito menos hora extra...

E aí veio a Proposta de Emenda à Constituição, a PEC, a PEC das Domésticas, em 2012.

E aí começou a polêmica.

Imagina: a audácia de exigir direitos pra trabalhadora doméstica.

De equiparar a categoria às demais categorias de trabalho no Brasil.

O quê? Precisar assinar carteira e recolher FGTS?

Poder contar com ela só 8 horas de trabalho por dia?

<<<<< som de TV ligando >>>>>

Voz 3: Ela tá lá vendo a novela, que não sei o quê... o, o casal, o pessoal jantou e tal, aí depois da novela ela vem, ela arruma a cozinha... Vai ter que contar essa hora que ela arrumou a cozinha?

<<<<< som de troca de canal na TV >>>>>

Voz 4: Então, qual é o primeiro momento? Vou despedir. Eu já conheço muita gente que despediu. Porque eu lembro do tempo que eu era pequena, os empregados da minha casa, alguns vieram comigo quando eu casei; minha babá me acompanhou.... Eu a aposentei, ela morreu com 80 anos, vinha receber o salariozinho dela... Então ela era uma pessoa da família, a gente dormia na cama abraçada com ela.

<<<<< som de troca de canal na TV >>>>>

Voz 5: Na casa da Tatiana é assim: a babá recebe um salário de R\$ 1.400 por 12 horas de trabalho. O custo da empregada doméstica, que trabalha de segunda a sexta, é de R\$ 1 mil. A Tatiana decidiu não arriscar e, antes mesmo da emenda ser aprovada, demitiu a empregada doméstica, que acabou se tornando diarista.

<<<<< som de TV desligando >>>>>

Lucileide Mafra: A mídia que o Romero Jucá tentou implantar, né, a fala dele na mídia era que ia ter desemprego em massa.

Tiago Rogero: O Romero Jucá era o relator da PEC das Domésticas no Senado.

Lucileide Mafra: Os senadores e deputados começaram a fazer essa mesma fala. A gente teve alguns problemas no início com as próprias trabalhadoras de dizer: 'Eu perdi meu emprego por causa desses direitos que vocês acharam que a gente teria que ter'. Eu fiquei direto em Brasília. Eu visitei os 513 deputados. Isso várias vezes. Teve deputado d'eu visitar 118 vezes. Ele não quer receber a gente.

'Enquanto você não der seu voto pra projeto de lei da categoria das trabalhadoras doméstica você vai ver a nossa cara aqui'.

Tiago Rogero: Na Câmara, a relatora foi a então deputada Benedita da Silva, que já foi trabalhadora doméstica também. A proposta teve só dois votos contra. Dois.

Um foi o Vanderlei Siraque, de São Paulo, que depois disse que tinha apertado o botão errado.

O outro, bem.

O outro até hoje se vangloria de ter votado contra a PEC das Domésticas.

E ele não só se vangloria disso como usou na campanha de 2018, várias vezes.

Danila Cal: A gente tem no governo do país um presidente que foi abertamente contra a PEC das Domésticas. Ele era um dos que defendia que essa PEC destruiria as famílias, que o pai de família não teria mais condições de cuidar da sua dinâmica familiar porque não poderia pagar uma trabalhadora doméstica.

Tiago Rogero: Aqui de novo a Danila Cal, que a gente ouviu no começo do episódio.

Danila Cal: No debate público, havia o discurso muito forte de que era algo que iria destruir as famílias. Porque os patrões não iam ter mais como contratar trabalhadoras domésticas e por isso não iam ter mais como desenvolver bem as suas atividades. Certo? A rotina da casa ia ficar prejudicada. Imagina: trabalhadora doméstica querer hora extra. Ela trabalha nas casas de família, não tem hora, gente, não tem hora pro café, pro jantar... E isso é revelador do ressentimento que os governos de esquerda no Brasil, notadamente governo do Lula e da Dilma, geraram nas classes médias e nas elites em relação à ascensão das classes mais baixas. A PEC das Domésticas aprovada, sancionada durante o governo da Dilma, é um dos elementos que alimentou o ressentimento, e essa é uma tese que eu defendo, em relação ao antipetismo por conta dessa lógica de que teria destruído a cultura familiar. E considerando toda a lógica de, de cultura

da servidão que remonta à escravização no Brasil, a gente entende de onde vem esse ressentimento. Como? Como eu não vou ser servido?

Rosalyn Brito: A propósito disso, né, a Danila...

Tiago Rogero: A Danila organizou um livro sobre o trabalho doméstico, lançado em 2021 em parceria com a também pesquisadora e professora Rosalyn de Seixas Brito.

A gente também conversou com a Rosalyn.

Rosalyn Brito: ...o ministro da Economia, Paulo Guedes, enuncia isso de uma forma muito clara, da questão da 'agora tem até empregada doméstica indo pra Disney'.

<<<<< som de TV ligando >>>>>

Paulo Guedes: Turismo, todo mundo indo pra Disneylândia, empregada doméstica pra Disneylândia, uma festa danada. Mas peraí. Peraí, peraí, vai passear ali em Foz do Iguaçu, vai passear ali no Nordeste, tá cheio de praia bonita...

<<<<< som de TV desligando >>>>>

Rosalyn Brito: É um discurso elitista, né? As elites, exatamente por conta dessa marca colonial, elas cultuaram a ideia de que elas precisam ser servidas, elas precisam ser servidas, paparicadas... Essa cultura do ódio que nós estamos vivendo no Brasil hoje ela é uma cultura marcada sobretudo pelo ressentimento.

Tiago Rogero: Agora, se tem uma coisa que a boa classe média e a boa gente rica no Brasil sabem fazer,

que esses cidadãos de bem sabem fazer,

é descumprir leis.

E é isso que tá acontecendo.

Rosalyn Brito: É evidente que a PEC trouxe benefícios imensos, imensos, imensos e absolutamente urgentes, né, para sanar essa dívida histórica que existia no Brasil

com as trabalhadoras domésticas. Porém, as famílias vão encontrando os seus jeitinhos de continuar se valendo do trabalho doméstico, mas ao largo da regulamentação. E eu penso que o contexto da pandemia, ele só agravou isso.

Tiago Rogero: A primeira morte por Covid-19 no Estado do Rio de Janeiro foi de uma trabalhadora doméstica:

a Cleonice Gonçalves, de 63 anos.

Ela morava em Miguel Pereira, a 120 km da capital.

E trabalhava numa casa no Alto Leblon, um dos metros quadrados mais caros do Rio.

A patroa tinha acabado de voltar de uma viagem pra Itália, que, eu não sei se você lembra, mas teve surto de Covid muito antes da doença chegar ao Brasil.

E aí quando a Cleonice morreu foi notícia no mundo todo:

"Uma mulher brasileira pegou Covid nas férias; agora, a empregada dela está morta".

Em maio de 2020, quando num existia vacina nenhuma e mesmo os cientistas não sabiam praticamente nada sobre o novo vírus, pelo menos quatro estados brasileiros já tinham incluído o trabalho doméstico na lista dos serviços essenciais, que mesmo com a pandemia não podiam parar.

Voz 6: A gente no Brasil tava feita. Feita! Por quê? Uma pessoa tava lá com a gente faz tudo. Aqui? Ah, pra passar... 25 dólares a hora a mais. Ah, pra dobrar... 25 dólares. Ah, pra poder esticar o braço aqui, mais 10 dólares. É assim, assim, então você que tem alguém no Brasil, ajoelha e agradeça a Jesus, porque aqui nos Estados Unidos é diferente. É desse jeito que funciona, quando eu cheguei eu fiquei louca. Louca, falei 'nããã, não pode seeer'!

Rosalyn Brito: Infelizmente o trabalho doméstico é um dos focos desse desrespeito aos direitos trabalhistas. Porque ele acontece num ambiente que favorece muito isso. É uma forma de trabalho mais difícil de ser fiscalizada, porque se dá no interior das casas. Tanto que quando a gente ouve falar, por exemplo, de trabalho

análogo ao trabalho escravo no Brasil, o que se vê é justamente isso: a dificuldade que os fiscais do Ministério do Trabalho e tal têm de chegar a esses casos justamente porque eles estão ao abrigo do olhar, digamos assim, das instituições fiscalizadoras e tal.

<<<<< som de TV ligando >>>>>

Voz 7: E uma idosa foi resgatada em situação análoga à escravidão em um bairro nobre de São Paulo. Ela trabalhava para a família há 20 anos, e há nove não recebia salário. Quando foi encontrada, estava sem ter acesso sequer ao banheiro.

<<<<< som de TV desligando >>>>>

Elisabete Pinto: A Dona Laudelina estaria muito brava com tudo isso...

Tiago Rogero: Aqui de novo a Elisabete Pinto, a biógrafa da Laudelina de Campos Melo.

Elisabete Pinto: ...estaria brava com o, o presidente da República...

Tiago Rogero: Elas tiveram dezenas de encontros.

Eu perguntei pra Elisabete como que ela acha que a Dona Laudelina estaria vendo o Brasil de hoje.

Elisabete Pinto: ...estaria indignada com a população brasileira pobre, empregadas domésticas, que votou no presidente da República. Estaria lutando e se organizando para discutir essa questão das empregadas domésticas, principalmente na pandemia, de ter empregadas domésticas que foram mantidas em cárcere privado. Também estaria brigando muito, e estaria expondo, porque Dona Laudelina expunha os nomes dos maus patrões. Hoje você tem pessoas que, pra burlar a lei, registra, mas a pessoa tem que trabalhar em duas casas. Por exemplo: eu sou sua parente, contratamos uma empregada, eu a registro, ela trabalha dois dias por semana na minha casa, três na sua, por exemplo. Só que ela tem que dar conta da minha casa e da sua casa. Né? Então isso é uma exploração.

Você tem uma empregada doméstica, você acha que ela é sua mucama. Você faz a sua empregada comprar o seu cigarro, você grita pra ela trazer a água, se você

tem filho, e as crianças tão brigando, você grita pra ela ir lá acudir essas crianças. E no final da tarde, depois de ela ter ido duas vezes ao mercado pra você, que era a sua obrigação e você não foi; de ir comprar cigarro, ir na quitanda, atender a porta, e levar água pra você, aí não deu conta dela fazer todos os trabalhos. Daí você exige dela o quê? 'Ah, você é mole mesmo, você não deu conta do trabalho'. Então, Dona Laudelina sempre trabalhou pra isso, né? Empregada doméstica não é mordomo. Empregada doméstica não é governanta.

Ela queria que as empregadas domésticas tivessem orgulho do seu trabalho, não é? E que pudesse reivindicar o respeito porque é um trabalho como outro qualquer. Ela lutou pra que o emprego doméstico fosse valorizado e que as empregadas pudessem fazer aquilo que elas querem, quisessem, né?

Uma aluna minha dizia uma vez que tinha muito orgulho de mim.... Eu não entedia por que depois ela olhava pra mim... Será que essa menina não gosta de mim? Não. Um dia ela falou 'Professora, eu tenho muito orgulho porque você fala da sua história, fala da história da sua mãe, com muito orgulho'. E a minha mãe foi, Tiago, empregada doméstica, né? E eu tenho muito orgulho disso.

Tiago Rogero: O projeto Querino é apoiado pelo Instituto Ibirapitanga.

O podcast é produzido pela Rádio Novelo.

O nosso site, projetoquerino.com.br, reúne todas as informações sobre o projeto, e conteúdo adicional. O site foi desenvolvido pela Àiyé.

E eu te convido a conferir também todo o material do projeto Querino que está sendo publicado pela revista piauí, nas bancas e no site da revista.

Este episódio teve pesquisa de Gilberto Porcidonio, Rafael Domingos Oliveira, Yasmin Santos e Angélica Paulo, que também fez a produção.

A edição é do Lucca Mendes; a sonorização, da Júlia Matos e a finalização, da Pipoca Sound.

A checagem é do Gilberto Porcidonio, e a música original, do Victor Rodrigues Dias.

Estratégia de promoção, distribuição e conteúdo digital: Bia Ribeiro

A identidade visual é do Draco Imagem.

Os transcritores das entrevistas foram Guilherme Póvoas e Rodolfo Vianna.

A locução foi gravada no estúdio da Pipoca Sound, com trabalhos técnicos de João Jabace.

O Frederico Faro também fez captação de áudio pra este episódio.

Consultoria em roteiro de Mariana Jaspe, Paula Scarpin e Flora Thomson-DeVeaux, com revisão de Natália Silva.

Consultoria em História: Ynaê Lopes dos Santos.

Produção-executiva: Guilherme Alpendre.

A execução financeira do projeto é do ISPIS, Instituto Sincronicidade para a Interação Social.

Idealização, reportagem, roteiro, apresentação e coordenação, Tiago Rogero.

Este episódio usou áudios do Museu da Imagem e do Som de Campinas, da TV Brasil, da TV Globo, da TV IG, da TV Folha e da CNN Brasil.

Agradecimentos a Petrônio Domingues, Aparecida Oliveira, Bárbara Alves e ao Museu da Imagem e do Som de Campinas.

Até o próximo.